

TEILHARD DE CHARDIN **E A CONJUNTURA MUNDIAL**

ADRIANO MOREIRA

Presidente do Conselho Nacional de Avaliação
do Ensino Superior
Professor Emérito da Universidade Técnica de
Lisboa

Quando Teilhard de Chardin nasceu, em 1 de Maio de 1881, na Auvergne dos seus antepassados, a simplicidade da vida agrária marcava a percepção do mundo em que ficaria para sempre a raiz da sua formação. Ele próprio deixou anotado que “la vie se concentrait dans la prière du soir. Je me sentais attiré par une présence qui luisait au cœur des choses”. Pequenos acidentes serão relacionados no futuro com o desenvolvimento da sua percepção do mundo, da vida, e da transcendência. É assim que lembrou o seguinte: “Je devais avoir six ans lors que je vis une bonde de mes chevaux, livrée à la flamme, se consumer et disparaître. J’en conçus un vive chagrin. Je venais d’apprendre que j’étais périssable. Console, toi, petit Pierre, me dit Maman, les choses ne se perdent pas. Elles changent, elles se transforment. Cette pensée n’est jamais sortie de ma mémoire. C’est à ma mère que je dois la vision optimiste qui a soutenu ma carrière de chercheur”.

Por esse tempo, bem longe da amenidade da terra natal, a Europa preparava-se para semear algumas das agressões que, inspiradas pelos interesses e concepções jurídicas das potências, viriam a estar presentes, muito por efeitos colaterais, nos desafios para os quais a sua observação adulta, adestrada na investigação científica relacionada com o apelo da transcendência, procuraria encontrar resposta e prospectiva.

Menino ainda de cinco anos, seria por então que, na Conferência de Berlim de 1885, a repartição de África entre as potências europeias traria uma nova versão da procura de cristãos e especiarias com que o anónimo marinheiro da frota de Vasco da Gama sintetizou o objectivo da viagem. A depressão de 1873, pondo em causa as ortodoxias económicas do período anterior, provocou tensões entre as potências europeias, com a Prússia a emergir como grande poder, com a unidade da Itália e da Alemanha a afectar a balança de poderes, com o poderio britânico a ser desafiado: a expansão colonial foi uma ambição e um remédio partilhado. A experiência, que partilhou o resto do mundo, e muito especialmente a África, entre os participantes no que foi o Império Euromundista, deixou, ao lado das contribuições positivas, um património de queixas contra os ocidentais em geral, que viriam reflectir-se em severos riscos e ameaças deste nosso tempo.

Quando a carreira científica o tinha já mergulhado no estudo desafiante da relação entre a ciência e a fé, o que lhe inspiraria escrever, em vésperas de morrer subitamente no dia de Páscoa (10 de Abril) de 1955 - “Seigneur, parce que, par tout l’instinct et par toutes les chances de ma vie, je n’ai jamais cessé de vous chercher et de vous placer au cœur de la matière universelle, c’est dans l’éblouissement d’une universelle transparence et d’un universel embrasement

que j'aurais la joie de fermer les yeux” - foi subitamente chamado a prestar serviço militar como maqueiro, na guerra de 1914-1918, recebendo a Medalha Militar e a Legião de Honra.

O desastre humano do conflito, a espécie de festa dos instintos em que a matança dos combates por vezes se traduz, em lugar de lhe afectar a certeza de que “a Criação só poderá acabar-se se o Homem reconhecer, na sua dianteira, Cristo Alfa e Ômega” (Claude Transmontant), ao contrário fortaleceu a sua visão de um ponto Ômega terrestre, ao escrever: “O *front* permitiu-me perceber a medida da homem... O *front* não é somente a linha de fogo, a exterioridade da corrosão dos povos que se combatem, mas também, de algum modo, “o *front* da vaga” que leva o mundo para destinos novos”; e ainda: “o Milhão de Homens, com a sua temperatura psíquica e a sua energia interna, tornou-se para mim uma grandeza tão evolutivamente real e por isso também biológica como gigantesca molécula de proteína”.

Em 1923, quando parte para a China, já Mussolini marchara sobre Roma, Albert Einstein recebera o Prémio Nobel, a URSS tinha sido proclamada em 30 de Dezembro do ano anterior, Adolfo Hitler estava em vésperas de falhar o seu primeiro *putsch* em Munique, e a China assistia ao fim do governo de Sun-Yat-Sen para, após a morte, Tchang Kai-Chek assumir o poder.

Os temas da ciência e a transcendência não impediram Chardin de pensar e pronunciar-se sobre as contingências da marcha para o ponto Omega terrestre, fiel à visão plasmada na *Messe sur le monde*, no *Milieu Divin*, e com uma última expressão em “La Prière au Christ toujours plus grand” (*Le Cœur de la Matière*, 1950), e *Christique* (1955).

É o seu legado respeitante ao objectivo que a Association des Amis de Pierre Teilhard de Chardin, na qual Almerindo Lessa teve intervenção, chamou *Construire la Terre* que sobretudo interessa para o tema da relação do pensamento do Padre com a Europa de hoje, e com a globalização que elimina rapidamente a distância arquipelágica de todas as áreas culturais do mundo que vigorou ainda durante a sua vida.

Em primeiro lugar não lhe escapou que a Humanidade estava a entrar num período de transformação sem precedente, tudo a exigir uma fé robusta nos destinos do homem, capaz de evitar a deriva para o imobilismo contemplativo da crise da civilização, entendendo que o fenómeno humano é a garantia da obra que se realiza através de nós próprios. Por isso lhe era necessário compreender as razões da desordem que parecia perturbar a sua visão do movimento da matéria e da vida.

Estava-se em 1936, a guerra de Espanha servia de ensaio para a catástrofe da guerra de 1939-1945, e, fixado em Pequim, doutrinava a necessidade de compreender a luta pelo poder político global de três correntes: *Democracia*, *Comunismo*, *Fascismo*.

Pareceu-lhe que “em cada uma das três formações em presença se reconhece distintamente, mas no estado de esboços incompletos, as três

aspirações que são características na fé no futuro: paixão do futuro, paixão do universal, paixão do pessoal; as três insuficientemente compreendidas, eis a tripla fonte que estuda e opõe ao nosso redor as energias humanas”.

A democracia atribui dois erros de perspectiva, um afectando o seu personalismo, e por isso, em vez de libertar, emancipando do conjunto, levando cada célula a sentir-se autorizada a erigir-se em centro, multiplicando os falsos liberalismos intelectuais e sociais. Tudo por confundir individualismo e personalismo, multidão e totalidade, confrontando as esperanças que oferece de um futuro humano.

Quanto ao comunismo, que no seu tempo revestia as formas dominantes do soviétismo na URSS, e do crescente maoísmo na China onde elaborava o seu pensamento, parecia-lhe que “le vrai nom du communisme, ce serait le “terrévisme”, uma visão que, reagindo vivamente ao liberalismo anárquico, levava a suprimir virtualmente a pessoa e a fazer do homem uma formiga: “la matière a voilà l’esprit. Un pseudodeterminisme a tué l’amour...minant, par voie de conséquence, la possibilité et la notion même d’universalisme”.

Quanto ao fascismo, um tema em que engloba a generalidade dos autoritarismos, com a sua ambição de englobar vastos conjuntos sob o seu poder, preferiu o social ao humano, pretendeu dar uma alma ao povo sem cuidar de um mundo sem alma, em direcção a um futuro onde estariam formas de civilização para sempre desaparecidas.

A sua esperança permitiu-lhe reconhecer em cada uma destas perspectivas, mobilizadoras de massas hostis, elementos positivos que um choque viria orientar e reunir. No passado, os nossos pais teriam sido guiados pela justiça e pelo direito humano, mas, naquele agitado século XX em que lhe aconteceu viver, o apoio da ciência abria novos vastos horizontes, espalhando a fadiga dos sectarismos, o turbilhão dos partidos, tudo a exigir um *Front Humaine* animado pela convicção de que a função do homem é construir e dirigir *le Tout de la terre*.

Um *Front Humaine* espiritual, ao qual o cristianismo oferecia o primado do pensamento reflectido, personalizado, sem excluir nenhum dos que acreditam no Amor, causa e fim do Universo.

Tratava-se de assumir o espírito da terra (1931), o que significa compreender o sentido do destino comum, a unidade humana; de considerar que a idade das nações (julgo que pretendia dizer das soberanias) passou, e que a exigência é a de construir a Terra afastando os antigos prejuízos; de reconhecer que a energia humana exige que a acção não se dirija para os nossos pequenos interesses, mas sim para a salvação do Universo, passando pela totalização de cada operação em relação ao indivíduo, pela totalização do indivíduo em relação a si próprio, pela totalização dos indivíduos no colectivo humano. A nova disposição para enfrentar *La Marche en Avant* deveria apoiar-se num princípio definido em cinco palavras: *une grande espérance, en commun*, uma alma nova, para um mundo novo (1941).

No Abril de 1955 em que morreu, o balanço da guerra de 1939-1945 anunciava cinquenta milhões de mortos no desastre que vira utilizar a domesticação da energia atômica para fins militares, em 24 desse mês a Conferência de Bandung, na ilha de Java, lançava o apelo à união dos povos mudos do mundo para abrir caminho entre as confrontações dos blocos do resto do mundo rico, afluente, e consumista; Albert Einstein morreria em 18 de mesmo Abril; Churchill, doente e esgotado, retirava-se amargurado pela frustração das esperanças que se afundavam com os destroços da governança mundial.

Subitamente, a mensagem de Chardin rompeu o muro de silêncio que o sitiara durante a sua vida, e um escritor inspirado, Morris West, no famoso *As sandálias do Pescador*, como que antecipava a chegada de um Papa vindo do frio leste, que seria João Paulo II, e cuja intervenção pareceu assumir todos os desafios, todos os objectivos, e toda a esperança de Teilhard.

Foi desafiado pela Ordem dos Pactos Militares, que substituiu durante cinquenta anos a governança humanista sonhada pela Carta da ONU e pela Declaração Universal dos Direitos do Homem, conseguiu ajudar a libertar a sua Pátria e, com ela, todos os satélites; apelou ao ecumenismo, ao diálogo das religiões que reconhecem os valores comuns a favor da paz e do desenvolvimento sustentado, promoveu o encontro das culturas para que o conhecimento recíproco viabilize a cooperação; pregou a unidade do género humano, habitante de uma Terra que é a casa comum dos homens; radicou a esperança, lembrando, em profundo sofrimento, que Cristo também não desceu da Cruz.

Mas a realidade continua a pontuar de genocídios e desafios o reconhecimento da igual dignidade de todos os homens e povos; a separação entre as sociedades ricas, afluentes e consumistas, e os povos da geografia da fome, apoia soberanismos unilateralistas, deriva imperiais de modelos democráticos, respostas totalitárias animadas do espírito de retaliação; os regimes degenerados negam a paz civil; um economicismo sem adjectivos faz da hegemonia económica o objectivo estratégico dos poderes dominantes, atropelando os valores que disciplinam a ordem humanista; o relativismo tende para considerar que tudo o que acontece é legitimado pelo facto de ter acontecido. O modelo de sociedade da informação e do saber, que é oferecido apoiado em programas da ciência e da técnica, dispensa acrescentar a sabedoria, isto é, o ideário do *Front Humain* proposto por Chardin. O regresso à proposta, à pregação, à fé, que lhe deram sentido à vida e que anunciou para dar sentido à vida dos homens, parece ter um apelo na morte demorada, angustiante, e inspiradora de João Paulo II.

Quando, na Praça de S. Pedro, frente à sede do Vigário de Cristo, em cima da uma do Pontífice, colocaram os Evangelhos, uma brisa suave foi folheando o livro. Uma espécie de última pregação para o regresso ao projecto do *Front Humain*.

Enquanto vivo Chardin nunca conseguiu o *Nihilobstat* para as suas obras, e já em 1957, o Santo Ofício, quando a Editions du Seuil lançava as

Obras de Teilhard de Chardin, advertiu no sentido de conseguir deter a publicação, porque, disse, “é bem manifesto que, no plano filosófico e teológico, esta obra está cheia de ambiguidades tais, e até erros graves que ofendem a doutrina católica”. Mas no centenário do seu nascimento, a obra foi finalmente reconhecida numa carta, hoje muito citada, do Cardeal Agostino Casaroli, Secretário de Estado do Vaticano, para o Instituto Católico de Paris, reconhecendo que respondia “quase que antecipadamente” a João Paulo II: “Não tenham medo, abram, escancaremos as portas de Cristo, aos maiores campos da cultura, da civilização, do desenvolvimento”.

De Bento XVI é citado o texto, de 2009, na Festa da Santíssima Trindade, em que afirma: “a função do Sacerdócio é consagrar o mundo a fim de que se tome hóstia viva, para que o mundo se tome liturgia... E a grande visão que teve também Teilhard de Chardin: no final teremos uma verdadeira liturgia cósmica, onde o cosmo se torne hóstia”.

E finalmente, como que lembrando a sua considerada obra prima - O meio divino - a que acrescento a inesquecível “A missa sobre o mundo”, o esforço do Papa Francisco, que foram buscar ao fim do mundo, e corre o mundo celebrando “A missa sobre o mundo”.

Academia das Ciências de Lisboa
16/12/2019